

José Rodrigues Pires

LIVREIRO - ANTIQUÁRIO

R. 4 de Infanteria, 34-1.º Dto.

Telef. 65 02 55

LISBOA-3

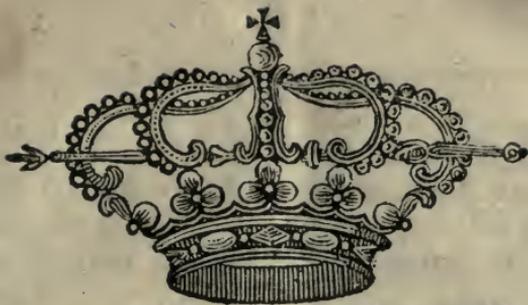
N.º **4940**

RB 196 943



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton



COLECCÃO
DE
TODAS AS OBRAS MODERNAS,
QUE O AUTHOR TEM FEITO
A SUA REAL MAGESTADE
O AUGUSTO SENHOR
D. MIGUEL I.,
ANTES DE HIR PARA ALEMANHA:

ASSIM COMO DEPOIS DO SEU DESEJADO REGRESSO, EM
QUE LHE LEMBRAVA A SUA PERTENÇÃO:

E OUTRAS OBRAS, AGRADECENDO O SER DESPACHADO, E
TÃO BEM A' MOLESTIA DO MESMO REAL SENHOR, E
AO SEU RESTABELECIMENTO.

P O R
JOZE DANIEL RODRIGUES DA COSTA.
LEYRIENCE.

LISBOA: ANNO DE 1829.
NA NOVA IMPRESSÃO SILVIANA.
Travessa da Portaria das Freiras de Santa Anna N.º 2.

Com Licença da M. do D. do Paço.



Muitas Obras tenho escripto
A circumstancias moldado,
Prevenindo algum conflito
Do variavel estado
De cousas, que não repito.

Do Author.

Offerecendo o Author a S. R. MAGESTADE todas as suas Obras, como grato ao Real Agrado que sempre lhe mostrou; Offerta que foi feita antes do Mesmo Senhor partir para Alemanha, em 1823.

EPISTOLA.

SENHOR, A' VOSSA PRESENÇA
Vem hum malfadado Author
Offertar as Obras suas,
Dar-lhes assim mais valor.

Serve para as vagas horas
Quanto nellas se contém;
Quem quer graça, acha-lhes graça,
Quem quer moral, moral tem.

Huma força de attracção
A Vós, SENHOR, me guiou,
E foi Auxilio Divino,
De Anjo que por mim rogou.

Já minha Avó muito orava
Ao Arcanjo São Miguel,
Para que bem lhe guardasse
O seu neto Daniel.

Eu com igual devoção.
 Dedico-lhe a minha reza,
 E por isso me inspirou
 Vir aos Pés de VOSSA ALTEZA.

Nisto deo hum grande passo
 A fortuna em meu favor,
 Não para vir a ser Bispo,
 Principal, nem Monsenhor.

Porém sem ser Sacerdote,
 Posso inda mudar de estado,
 Dando VOSSA ALTEZA as ordens,
 Serei Beneficiado.

Assim Deos me faça hum Santo,
 Que não perco disto a fé;
 Entreguei-me a bom Piloto,
 Será feliz a maré.

Sempre se tira bom fruto,
 Quando de Lei se não muda;
 Vejo que quem com Deos anda,
 Tarde, ou cedo Deos o ajuda.

Porque desde a mocidade
 Prezei sómente homens bons:
 Sigo a Doutrina da Igreja,
 Não a infernal dos *Maçons*.

Nas varias scenas politicas
 Eu nunca entrei em Dialogo,
 Sendo tantas, de que o Seculo
 Póde fazer hum Catalogo.

Nunca fui motor de crimes,
 Como muitos sido tem;
 Faço por me conservar
 No rol dos homens de bem.

Eu pensava sem vaidade,
 Pelo bem que me compôrto;
 Que o risco da minha vida
 Devia ser menos tórto.

Sempre pelas obras minhas
 Se vio moral, e concelho:
 Na Regia Arrecadação
 Sempre fui Portugal velhos.

Apontar me não compete
 Muitos, que vejo empregados,
 Que trajão ricos vestidos
 Mas de manchas salpicados.

Eu não nego os meus defeitos;
 Vem de Adão aos filhos seus;
 Quem ha, que puro ser possa?
 Justo, e Perfeito só Deos.

Se quereis, SENHOR, saber
 Qual he minha subsistencia,
 Não me chameis importuno,
 Armai-vos de paciencia.

Mostra-me a fortuna incerta
 De longe o que me quer dar;
 Depois tão velós me foge,
 Que não a posso alcançar.

Mas Vós a segurareis ,
 Só para proveito meu ;
 Porque Vós, SENHOR INFANTE,
 Tendes mais força do que eu.

De cem mil réis huma Tença
 Me firmou a Real Mão ;
 Mas ha quatorze Janeiros
 Não vêjo della hum tostão.

Peço a Deos que me conserve
 Esta vida sem doenças,
 Para vêr, antes que morra
 O Thesoureiro das Tenças.

Que ter só hum Pergaminho
 Com sello, e vermelha fita ;
 Por certo não remedeá
 A'quelle, que necessita.

Conto sessenta e seis annos,
 Cheios de consumições ;
 Na cova não valem Tenças,
 O que vale são Tenções.

Fui de Alemquer Ajudante,
 Inda conservo a Patente ;
 Mas novo Regulamento
 Nos extinguiu de repente.

Fui do Paço da Rainha,
 Do primeiro Batalhão,
 Apto Major, desde quando
 Se fez esta Legião.

Fardei-me, cingi a banda,
 E não he por me gabar,
 Tive, sem ir á campanha,
 Arrebanho Militar.

Não me prézo de valente;
 Porém he cousa bem rara,
 Que inda não vendo o inimigo,
 Nunca sube virar cara!

Porque no tempo de paz
 Sou Mavorte Legionario,
 E em cada vulto de pedra
 Julgo que vêjo hum contrario.

Mas no melhor estes Corpos,
 Sem confissão expirarão,
 Porque aos *Irmãos da moeda*
 Nem Legiões escaparão.

Posto que isto não rendia,
 Antes despezas deixava,
 Algum agradecimento
 Sempre por fim se esperava.

Foi tudo posto na rua,
 Sem haver contemplação;
 Hum Senhorio de cazas
 Não faz maior véxação.

O servir tão Bom Monarca
 Hoje de novo faz gosto,
 E cumprindo o seu Decreto,
 Tornei, SENHOR, ao meu Posto.

Sou das Portas da Cidade,
 E do Ramo de Belêm,
 Administrador de vinhos:
 Mas que lucros isto tem!

Moedas cincoenta apenas,
 E pagas como Deos sabe,
 Com despezas inauditas
 He o lucro, que me cabe.

Com Decimas, e rebates,
 Sem que mais nada possua,
 Quando cobro o meu quartel
 He no minguante da Lua.

Vivo sempre individado,
 Sem vêr a credores fim:
 Como hão de elles ter quinhão,
 Se mal chega para mim!

Por mais diligencias feitas,
 Para augmento de ordenado,
 He quigilia de Poeta;
 Tudo me fica estagnado.

E mesmo assim a fortuna
 Parece me tomou tédio;
 Mas quando o mal he de morte
 Só o morrer he remédio.

Toquei da medida a meta,
 E por modo tão subtil,
 Que em tudo vou para menos,
 Para mais nem hum ceutil.

Erra a escripta o escrevente,
 Erra a conta o traficante,
 Erra o alfaiate o corte,
 Erra a estrada o caminhante:

No que diz, e no que faz
 Errar cada qual bem póde;
 E só a minha fortuna,
 Nem inda errando, me accode!

Por mais que faça, e que peça,
 Contenta-me em conseguir
 O Despacho da tarifa,
 Que he: *Não ha que deferir.*

A's producções Litterarias
 Já todos voltão o rosto;
 No gasto das minhas Obras
 Vejo a mudança de gosto.

Mocidade de outro tempo
 Os versos tinha por prenda;
 Mas com os Tafúes d'agora
 Não ha, SENHOR, quem se entenda!

Declararão guerra a Livros,
 Fizerão paz com charutos,
 Seguindo nova rotina,
 E diff'rentes estatutos.

Exquezitos no pensar,
 Em contínua vareação,
 Ninguém sabe o que elles querem,
 Ninguém sabe o que elles são.

Inda tempos conheci,
 Em que as Obras se gastavão,
 As minhas Compozições
 Em casa me não ficavão.

Tudo voltou: e a Fortuna
 Se me oppôz de mão armada;
 Que os moços só querem jôgo,
 Velhos tem vista cançada.

Moderna Tafularia
 Foge da Litteratura,
 Não vai visitar Livreiros,
 Só cuida em fazer figura.

Já o trage Portuguez
 Desapareceo de nós;
 Que os Tafúes nem querem hoje
 O trage de seus Avós.

Em parecer Estrangeiro
 He que o Taful mais se esmera;
 Pois vêr hum Taful na rua,
 He vêr huma Primavera.

A cabeça afrancezada,
 O corpo com ar Inglez,
 E Grego mesmo na gamma,
 Da cintura até aos pés.

Sinzeno chapéo redondo,
 No pescoço ondeada fita,
 Quas cruzada sobre o peito
 Quas que huma Estóla imita:

No nariz óculos verdes,
 Por ser uso afidalgado,
 Calça abundante de pregas,
 Roupão de papel pintado:

Eis-aqui como se engenhão
 De repente homens de bem,
 Namoradores eternos,
 Mas ás sêcas, sem vintem.

E se algum busca Senhora,
 E a pobre cahio no lôgro,
 He porque elle vai com vistas
 - Nos bens, que possúe o Sogro.

Outros ha que em possuindo
 A herança tão desejada,
 Deixão a infeliz mulher,
 Como vinha vendimada.

E muitos quando enviuvão
 Té a si parabens dão,
 Não accendem luminarias,
 Com pejo *do que dirão.*

Alguns frequentão Partidas,
 Inquietando formosuras,
 Mostrando em passos da Walsa
 Indicativas figuras.

Ellas por desvanecidas
 Ficão logo namoradas;
 E elles por tafularia,
 Deixão as pobres agoadas.

Mas, SENHOR, reparo agora
 Que do Assumpto me apartei;
 Que eu em corrigir costumes
 Conter a penna não sei.

Tornemos ao nosso ponto:
 Ninguém a razão descobre
 Porque ao nome de Poeta
 Se ha de seguir o ser pobre.

Que são os Poetas doudos
 Também he dito commum,
 Mas na enfermaria delles
 Não se encontra nem só hum.

Endoudece o avaro,
 Por lhe roubarem o cofre;
 Endoudece o homem casado,
 Que mulher soberba sofre:

Endoudece o namorado,
 Porque não venceo a Praça;
 Endoudece o que he valido,
 Porque descahio da graça:

Endoudece o carbonario
 Da nova filosofia,
 Verdo que não vai ávante
 A carbonica mania:

Endoudecem os que quebrão
 Porque outro a quebra lhes molda;
 E o motor das quebraduras
 Lá para si guarda a solda:

Endoudece o Reverendo
 Padre Mestre Jubilado,
 Que o Capitulo dispondo
 Mirrou-se-lhe o ser Prelado:

Endoudece o Capitão,
 Com elle o Commerciante,
 Por dar á costa, e perder-se
 O seu navio mercante:

Endoudece o *Magistrado*
 Que por querer figurar,
 Endoudecendo em *Leiria*,
 Veio nas Côrtes *marrar*:

Endoudece o devedor,
 Farto de dar razões frias
 Aos vigilantes Credores,
 Que o seguem todos os dias:

Endoudece o pobre pai,
 Que dez bocas sustentando,
 Para grangear-lhe o pão,
 Não sabe o como, nem quando:

Endoudece o que tem Titulos,
 Pois querendo pagamento,
 Ouve do rebatador:
Pago a dezeseis por cento.

Tambem acabando as Côrtes
 Endoudece o *ex-Deputado*
 Por vêr que na *Serra d'Ossa*
 Não escuta o apoiado.

Mas Poeta endoudecer,
 Cousa rara, e melindrosa!
 Se na falta de fortuna
 Vive em verso! morre em proza.

Que o Poeta que he Poeta
 Nada já de susto o apanha;
 Sabe analyzar o Mundo,
 E os seus baldões não estranha.

Queixa-se da má fortuna,
 Que á subsistencia faz damno;
 Porém desta mesma praga
 Tira hum claro desengano.

O nosso Xavier de Mattos,
 Na falta de subsistencia,
 Morreo conforme, *abraçado*
 Com a sua paciencia.

Hum destes dias, SENHOR,
 Que hum funebre exemplo vi,
 Temendo as garras da morte;
 Sizudo me preveni.

Chamei hum Tabellião,
 De quem faço bom conceito,
 E em vinte e cinco minutos
 Foi meu Testamento feito.

Predios, quintas, e fazendas
 Nunca hum Poeta disfrutou;
 São cousas que raras vezes,
 As possui quem estudou.

Nunca pude enthesourar
 Nem sequer vinte mil réis;
 Constou o meu Testamento
 Só de versos, e papeis.

Mas se acaso Vós, SENHOR,
 Me deres hum pingue fundo,
 Rasgo logo este primeiro,
 E passo a fazer segundos.

Em Ingleza traquitana
 Eu não pertendo rodar,
 Nem ter quinta ajardinada,
 Nem milhões, que afferrolhar.

Queria que VOSSA ALTEZA,
 Donde a Moral não se affasta,
 Me dissesse: *Até que morras*
Aqui tens quanto te basta.

Se esta minha rogativa
 Conseguir isto, que espera,
 Eu vou na Igreja da Sé
 Pôr hum Poeta de cera.

Tenho mostrado o destino,
 Que ter hum Vate costuma:
 Honras, louvores, agrados,
 Mas de lucro cousa alguma.

Queixar-me de infausta sorte,
 SENHOR, foi só o meu fim;
 Que os Poetas d'outro tempo,
 Se lamentavão assim.

Seus Principes os ouvião
 Com Bondade natural;
 Que sempre andou, como herança,
 Nesta FAMILIA REAL.

Por cada folha de Livro,
 Que em taes Collecções off'reço,
 Centos de felicidades
 Eu, SENHOR, vos appeteco.

E prostrado a Vossos Pés,
 Pede a Vossa Protecção
 Este Vate desditoso,
 Que vos beija a REAL MÃO.

Deita em Vossa Mão
 O Vate desditoso
 Que vos beija a REAL MÃO

Deita em Vossa Mão
 O Vate desditoso
 Que vos beija a REAL MÃO



Deita em Vossa Mão
 O Vate desditoso
 Que vos beija a REAL MÃO

Deita em Vossa Mão
 O Vate desditoso
 Que vos beija a REAL MÃO

1.º REQUERIMENTO

ANTES DE SUA MAGESTADE

SE AUSENTAR

PARA ALEMANHA.

SENHOR, não deve estranhar-se
Que hum Poeta desvallido
Procure hum Alto Mecênas
Por quem seja protegido.

He de todos os Poetas,
Inda do mais inf'rior,
Buscar o merecimento
Nas Mãos do Seu Protector.

E he tambem de Augustos Genios
Manejar Alta Clemencia
No grande espaço, que vai
Do Poder á dependencia.

Dai-me, SENHOR, faculdade
Para Vos expôr meu mal,
Adoçando a exposição
Com Poesia jovial.

Não me julgueis enlevado
 Em honras, nem tratamentos;
 O Mundo já não me engana,
 São outros meus pensamentos.

A esses de genios fôfos,
 Que estão mostrando a fraqueza
 De quererem ter, por força,
 Huma aparente nobreza:

Deixo-lhes caminho livre,
 Que eu diversa estrada sigo;
 Como posso ostentar fumos
 Quando mal posso comigo?

Muitos pertendem subir
 Infundidos em vaidade,
 Huns querem campar por nobres,
 Outros pela authoridade:

E nisto succedem cousas
 De tão grande confusão,
 Que inda o melhor calculista
 Não sabe dar a razão.

Como he somir-se o dinheiro
 Nos nossos cançados dias,
 E virem suprir por elle
 Luxo, Dons, e Senhorias.

Vêjo as lojas de Capella
 Com mil cousas exquezitas,
 Que sendo de pouca dura,
 Tentão por serem bonitas!

Astucia dos Estrangeiros
 Para levarem de cá
 Dos Tafúes apetitosos
 Algum resto que inda ha.

No nosso Portugal velho,
 Tempo de côr, e signaes,
 Contentavão-se as Tafulas
 Com Modistas Nacionaes.

Hoje Modistas de Hamburgo,
 De Italia, Londres, e França,
 Com os viveiros das modas
 Tem aqui a sua herança.

Em capachos por chapéos,
 Fitas largas em cartões,
 Em rôlos pelos vestidos,
 Acabão-se as Distinções.

Reina a mesma confusão
 Nos altivos pensamentos,
 E como o luxo he geral,
 Voltárão-se aos tratamentos.

Caixeiro, a quem o Patrão
 Filha com dote confia,
 Por ter quinta, e traquitana
 Quer logo huma Senhoria.

De lojas, e de balcões
 A mesma mania emana,
 D'alli surge, em pouco tempo,
 A Espôsa Dona Fulana.

Frade leigo, a quem a calva
 Fingida c'roa tem feito,
 Reverendissimas lambe,
 Fica inchado, e satisfeito.

Eu ouvi a hum Capateiro,
 Que de cruz he que assignava,
 Mas Papagaio de orelhá,
 Porque em tudo argumentava:

Dizer-me: Senhor Fulano,
 Se hoje só faço calçado,
 A' manhã posso das Côrtes
 Vir a ser hum Deputado.

Eu então lhe respondi:
 Conta á *moeda* não faça,
 Como não sabe escrever,
 Servirá, porêem de graça.

Papelões, e Papelôas
 Sempre encontrando-se estão,
 Que fazendo dos mais cegos,
 Querem ser mais do que são.

Eis a marcha deste vicio,
 Que nos corações domina,
 Mas que por meu desengano
 A mim me não contamina.

Não me pertendo, SENHOR,
 Da minha ordem tirar,
 O que só Vos rogo he pão,
 Para a vida sustentar.

Velho estou, e para a cova
 Tenho as honras que me bastão;
 Julgo infelices os Velhos
 Que deste pensar se affastão.

Da Serenissima Casa
 Peço dois moios de trigo,
 Graça que de Vós espero,
 E ditoso se a consigo!

Já neste momento conto
 C' hum feliz subsistencia,
 Que tanto póde, SENHOR,
 A Vossa Rara Clemencia!

Lembra-me, meu Bom INFANTE,
 Que houve hum General que dêo
 Huma Batalha, e contava
 Que chegou, vio, e venceo:

De igual modo eu pertendente
 A todos, SENHOR, direi:
 Que á Vossa Sombra Real
 Vim, requeri, alcancei.

Vosso Coração sensivel,
 Que em fazer bem não se illude,
 Vê que no amparo dos tristes
 He onde brilha a virtude.

O Deos, que nos Ceos habita,
 Immutavel sem segundo,
 Seu Poder mostrar querendo,
 De hum nada formou o Mundo.

Tambem Guiado por Deos
 Podeis, SENHOR, Imitallo,
 Fazendo que deste nada
 Ressurja hum util Vassallo.

Não se estranhe a semelhança,
 Achar razão se lhe deve,
 Se não sou o grande Mundo,
 Sou Homem, sou Mundo breve.

Na Religião fundadas
 Vossas Intenções são rectas,
 Sois o Patrôno dos Pobres,
 Sois o Santo dos Poetas.

Tenho feito immensos Versos,
 Sem de Fortuna mudar,
 Porém peguei-me com Vôsko,
 Hei de vencer este azar.

Se eu a Pensão conseguir,
 Que meus cuidados serêna,
 Prometto co' as nove Muzas
 Fazer-Vos huma Novena.

Infeliz quem não grangêa,
 Quando com forças se sente,
 Algum bem para o futuro,
 Fiado no bem presente.

Qualquer por caminhos bons
 Buscar deve o que convem,
 Este o systema, que chamão
 Honra dos homens de bem.

Poeta que da Pobreza
 Não sofre o terrível mal,
 Deve hir, no fim de seus dias,
 Para a Historia Natural.

Teyve, Ferreira, Camões,
 Lobo, Bernardes, Miranda,
 E dos nossos tempos, Mattos,
 Que saudade nos demanda:

Estes engenhosos Vátes,
 Padrões de futuros annos,
 Viverão sempre debaixo
 De hum Voto dos Franciscanos.

Eu que nem sombra sou delles,
 Não permitta VOSSA ALTEZA,
 Se os não imito nas Obras,
 Que os imite na Pobreza.

Se para passar meus dias
 Busco este decente meio,
 Para Escudo de infelices,
 VOSSA ALTEZA ao Mundo Veio.

Queira o Ceo que Vós, SENHOR,
 Sejais sempre acompanhado
 De igual prazer, ao que espero,
 Em me vendo Despachado.

A desgraça ha de morder-se
 De invejosa, e de indiscreta,
 Vendo-lhe escapa das garras,
 Coisa não vista! hum Poeta.

SENHOR, nesta fraca Rima
O meu desejo se vê,
Minha Muza a Vós se entrega,
E Receberá Mercê.

F I M.



20

MEMORIAL

LEMBRANDO O AUTHOR

AO MESMO SENHOR O SEU REQUERIMENTO

NO PRESENTE

MEMORIAL

EM 1824.

SONETO.

Boas Festas, SENHOR, receber quero,
 Na Presença Real de VOSSA ALTEZA;
 Desterrando de mim toda a tristeza,
 Que me faz não vêr nada do que espero:

Da demora soffrer não desespero,
 Porque seria em mim grande fraqueza!
 Sei que sou infeliz, por natureza,
 E que de pobre ser, não degenero:

Vossas Acções, em tudo sempre pias,
 Podem dar-me efficaz contentamento,
 E aflugentar crueis melancolias;

Não me risqueis, SENHOR, do pensamento,
 Pois resuscitou CHRISTO nestes Dias,
 Resuscitai o meu Requerimento.

MEMORIAL.

A Vossa Real Presença
 Venho fazer-me lembrado,
 Porque muita gente pensa
 Que estou por Vós despachado,
 Mas eu sem Trigo, e sem Tença.

Minha Musa desgostosa,
 Está no que lhe succede;
 Pois sem ser fastidiosa,
 Nada alcança do que pede,
 Seja em verso, seja em prosa.

Se hum a jovial Poesia,
 Quereis de mim sem falencia;
 Excitai-me a fantasia;
 Com faltas de subsistencia
 Não posso ter alegria.

Nesses já passados annos
 Muitos Estros engenhosos
 Assim cantárão seus damnos;
 Que vivião desditosos
 Fazião vêr aos Sob'ranos.

Os versos tem o poder
 De corrigir acções más,
 E as boas engrandecer;
 Quem os ouve, e quem os faz
 Tem sempre hum certo prazer.

Dizem todos que este dom
 Lança no peito raiz
 Do homem, que he sabio, e bom;
 Os suspiros do infeliz
 Com elle mudão de tom.

Eu estou na caduquice,
 Vós estaes na flor da idade;
 No Mundo sempre se disse:
 Virtude he na mocidade
 O sustentar a velhice.

Não sei que ha de ser de mim
 Quando na cama entrevado
 Esperar o certo fim!
 SENHOR, mudai-me de estado
 Antes de me vêr assim.

Apollo seus filhos quer
 Sempre em misera figura,
 E só, para os interter,
 O que lhes dá com fartura
 São Syllabas a comer.

Não ter a gente o que basta
 Para hum parco passadio
 Todo o soffrimento gasta;
 Deixa a vida por hum fio,
 E a paz de espirito affasta.

Mudão as aves a penna,
 Muda o mesmo Ceo a côr,
 O vento bravo serena,
 O mar abate o furôr,
 O tempo muda de scena;

Em tudo mostra mudança
 A natureza variavel,
 Só em mim raizes lança
 A desgraça intoleravel,
 Que de seguir-me não cança!

Dois moios por alimento
 Roguei á Vossa Clemência,
 Mas vi desde esse momento
 A Pasta sem Conferência,
 Eu mais falto de sustento.

Tende de mim compaixão
 Para eu poder subsistir;
 Pois tudo será em vão,
 Se o beneficio ha de vir
 Junto com a Santa-Unção.

Da demora nasce o p'riço
 De vêr, antes desta Graça,
 Dar, por meu maior castigo,
 No Requerimento a traça,
 Dar o gurgulho no Trigo.

Velho estou, não sou eterno,
 Mas sou quando peço grão,
 Qual formiga no governo,
 Que o ajunta de verão,
 Para se nutrir no inverno,

Com dois Moios annuaes,
 Que versos, que irei fazendo!
 Hão de ser tão naturaes,
 Que Vossa ALTEZA em os lendo,
 Talvez diga: Quero mais.

Dois Moios fazem que acudão
 Aos montes os consoantes;
 Pois inda os que mais estudão,
 Parecem logo huns pedantes,
 Se os não animão, e ajudão.

Eu que a idade me pedia
 Ser avô, vos chamo Pai:
 Abri, SENHOR, a Mão Ria;
 E por compaixão me dai
 Pão nosso de cada dia;

Fazei, SENHOR, este bem;
 Que o necessito confesso:
 Nada de impossivel tem;
 Porque nisto, que vos peço,
 Não tiro o pão a ninguém.

Meu coração foi profeta
 Em vos ser tão inclinado;
 Soccorrei a quem projecta
 Servir-vos, como criado;
 Ou como Vosso Poeta.

Que hum tributo em mim porei
 Agora, SENHOR, vos digo;
 Pois em verso, como sei,
 Por cada Moio de Trigo
 Seis Decimas pagarei.

Se as fortunas lisonjeiras
 Nos Poetas são tão raras,
 Para que eu conte as primeiras,
 Já que não tenho searas,
 Reparti das Vossas Eiras.

De honrado os deveres sigo,
 E não me sei retratar;
 Mesmo assim nada consigo
 Faz-me isto capacitar,
 Que as bruxas derão comigo.

Será de eterna memoria
 Tolentino jovial, (*)
 Que largando a palmatoria,
 Por Merce de Mão Real
 Alcançou dinheiro, e gloria.

Versos lhe abrirão a estrada;
 Deixou Cadeira, e Meninos;
 Porém eu vêjo emperrada
 A roda dos meus destinos;
 Corre a do tempo apressada.

Sou na minha Pertenção
 Assim como os namorados;
 Que andão sempre em afflicção
 E meios desconfiados
 Se os seus fins alcançarão.

(*) O sabio Nicoláo Tolentino Professor Regio de Rethorica na Corte, que tanto rogou, e pediu em verso, que alcançou ser Official da Secretaria.

Esta Graça retardada
 Bem contra os desejos meus,
 Eu a esperei baptizada
 Em nome de Pão por Deos,
 Ou nome de Consoada.

Fazei, SENHOR, apressar
 Graças taes, que muitos tendo-as,
 Só em mim querem falhar;
 Nisto me dais as amendoas,
 Juntas com hum bom foliar.

Se do Vosso Augusto Pai
 Minha fortuna depende,
 SENHOR, he tempo, fallai;
 Dizei-lhe o que se pertende
 A vêr se o Despacho sai.

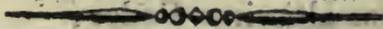
He Rei, e Pai compassivo,
 Deseja a todos valer;
 Sêde, SENHOR, excessivo
 Tambem em fazer-lhe vêr
 O triste estado, em que vivo.

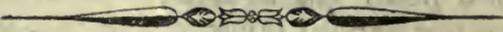
Muito em Vós todos int'ressão,
 Pelo juizo, e prudencia,
 Que a brilhar em Vós começo;
 Soffrei-me com paciencia,
 Que até Deos quer que lhe peção.

Procurar, e requerer
 Sempre aos Vassallos foi dado,
 O mesmo venho eu fazer,
 Pensando que despachado
 A' Vossa Sombra hei de ser.

Perdão vos rogo, SENHOR,
 Se o meu pedir vos agasta;
 Mas sempre espero favor,
 Que meia palavra basta
 Para o bom Entendedor.

A minha Musa bem vê
 Quaes Vossas Virtudes são:
 Comvosco não perde a fé;
 Louva o Vosso Coração,
 E Receberá Mercê.





SONETO.

JESU CHRISTO, por nós, quiz padecer,
Expôz-se n'uma Cruz, por nos Salvar,
Lições de paciencia nos quiz dar,
Quando nas mãos dos impios quiz morrer:

Usando de hum altissimo Poder,
Seu Corpo, e Alma nos deixou ficar
N'uma Especie de Pão, por consolar
O Peccador, que mais se arrepender:

Nossas almas tem esta Redempção;
Por que Deos quiz c'os homens repartir
GRAÇA, que assigura-se a Salvação;

Mas se vivos devemos subsistir,
Dai-me tão bem, SENHOR, do vosso pão,
Para o corpo caduco se nutrir.

MEMORIA
COM DISFARCE POLITICO

REQUERIMENTO DO AUTHOR!

Minha Musa, empunha a Lyra
Não te ponhas a chorar!
Mostra alegres pensamentos;
Se pertendes agradar.

Canta do Benigno INFANTE
Muitas Virtudes que tem;
Mas no meu Rêquerimento,
Não falles, que não convem.

Já enjôa as rogativas,
Que fazes a meu respeito,
Bem vês que he da minha Estrella
Ficar tudo sem effeito.

SUA ALTEZA a muita gente
Tem tirado da indigencia,
Eu não lhe cahi em Graça
Que remedio, paciencia!

O clamar contra a Fortuna
He dar vozes em deserto;
Quandó o homem vem ao Mundo
Já vem com destino certo.

SUA ALTEZA tem hum Genio

Só propenso a fazer bem,
Mas como ha muitos ingratos
Quer Valer, não acha a quem!

Talvez conservar me queira

N'huma perpetua abstinencia,
Para me poder Salvar
Por meio da penitencia.

Ou receia de encontrar

Em mim dura ingrátidão,
Ignorando as qualidades
Do meu puro Coração.

Eu adoro Hum Deos Eterno,

Eu respeito a Sua Lei,
Amo a Patria, a Regia Próle,
E sou fiel ao meu Rei:

Nos politicos Systemas,

Que a tantos dêrão de rosto,
Eu, por milagre, escapei
De sentir algum desgosto.

Sendo publico Escritor,

Escrevia moderado,
Mas Frei Tecla, Frade Trino (*)
Queria ver-me implicado.

(*) Hum Organista da Trindade a quem o Author chamou Frei Tecla, pelo não nomear pelo seu Nome, que foi o que compoz as indignas Memórias para as Côrtes.

Eu combati as *Memorias*,
 Que elle ás *Córtes* escreveu;
 E como se vio vencido,
 Tornou-se inimigo meu.

Quinze Volumes impressos
 Tenho, além de manuscritos,
 E sôa a minha moral,
 Em Folhetos infinitos.

Ha quarenta annos que sirvo;
 Hum Officio de Fazenda,
 Por diminuto Ordenado,
 Que esta he toda a minha renda.

Tambem sou das Legiões,
 Des de que ellas se creárão,
 Effectivo Commandante,
 E sempre prompto me achárão.

Conheço que o que he dever,
 Não he dever compensálo;
 Porque tenho Obrigação
 De ser hum digno Vassallo:

Mas entre tantos, que vimos
 De tão máo comportamento,
 Parece que devo ter
 Mais algum acolhimento:

Musa, nada de paixões,
 Bem que eu viva sem real,
 Alegria contra feita,
 Ou se passe bem, ou mal;

Esta he a marcha dos tempos,
 Chorar pobreza faz tédio
 A morte não se descuida,
 Que he o unico remedio.

Vivendo só de esperanças,
 E tudo o mais a falhar,
 Posso viver com fartura,
 Rir, impôr, e figurar:

Hoje muitos assim vivem,
 Té de todo se perderem;
 Tudo casca sem miolo,
 E os calótes a ferverem:

Ficarei sem meteriaes,
 Com que a vida se grangêa,
 Como fica a *Pedreirada*,
 Que está sem cal nem arêa:

Malditos sejam aquelles,
 Que, com capa de bondade,
 Vierão pôr este Reino
 Em tanta calamidade:

Corja impostôra, e malvada,
 Que nos contamina a terra,
 E muitos de duas Caras,
 Que nos fazem maior guerra:

Facções, ambição, egoismo,
 A que os homens se tem dado,
 Tem feito vezivelmente
 Este Reino desgraçado:

Na sorte, em que Deos os pôs,
 Poucos se querem conter;
 Com as desgraças dos mais
 He que intentão florecer.

Musa esqueçamo-nos disto,
 Nada de amofinações,
 Bem basta o termos passado
 Por tão grandes vexacções:

Não magões SUA ALTEZA,
 Não te faças importuna,
 Não lhe falles nos dois Moios,
 E deixa o mais á fortuna.



*Morrendo hum Lóbo em Santarem de hum tiro
que lhe deo o Serenissimo Senhor Infante D.
MIGUEL hoje Nosso Amavel Soberano.*



DECIMA.

SENHOR pareceu-me bem
O dáreis a hum Lóbo a morte,
Pois mostrastes desta sorte,
Que as caçadas nos convem;
Porém não só Santarem
Tem temivel bixaria;
Lisboa de noite, e dia
Tem bixos, que nos assaltão;
Cá mesmo Lóbos não faltão,
Que devem ter montaria.

A' MUITO LOUVAVEL
IMPERATRIZ E RAINHA
 NOSSA SENHORA.

SONETO.

Se em Portugal se tem representado
 Temiveis lances, lances horrorosos
 Por Genios impostores, e orgulhosos,
 Que á ultima ruina o tem levado:

Se nem força, nem geito tem bastado,
 Para atalhar ardiz de ambiciosos,
 Que se tem atrevido cavilosos:
 A querer ver o Throno aniquilado:

A Inclita CARLOTA nos ensina
 A ter character firme, e penetrante,
 Que assim subjuga os Monstros que abomina;

Como Sabia, Prudente, e Vigilante,
 Não só merece o Nome de Heroína,
 Mas do Mundo ser unica Reinante.

A SUA MAGESTADE
 IMPERIAL, E REAL,
 A SENHORA
D. CARLOTA JOAQUINA
 DE BORBOON;

*No dia 30 de Outubro, em que o Author fez os
 seus Annos em 1827.*

Contando quatorze Lustros,
 E com elles mais hum anno,
 Cuja Velhice me torna
 Espelho do desengano;

Venho, com muito prazer,
 Vêr a VOSSA MAGESTADE;
 Que Vossa Real Presença
 Dá vigor á minha Idade.

Foi hoje o dia, SENHORA,
 Em que chorando nasci;
 E foi pela vez primeira,
 Que os olhos no Mundo abri.

Festejar com mais acêrto
 Os meus Annos não podia;
 Que beijando a Real Mão,
 Honro os Annos, e honro o dia.

Deste Mez aos vinte e seis
 Real INFANTE nasceo,
 Para o vêr, e respeita-lo
 Foi que aos trinta, nasci eu.

E como não posso ainda
 Ter a fortuna de o vêr,
 Seja VOSSA MAGESTADE,
 Quem me supra este Prazer.

O Amor á Real Familia
 Nasceo, SENHORA, comigo,
 Amor que a meus Pais ligou,
 E a quem eu sempre me ligo.

Ter caracter, ter firmeza,
 He no Mundo huma virtude;
 Doutrina de tenros annos,
 Não será facil que mude.

O pensar de homens d'agora
 Com Velhos não faz brigada,
 Que os Velhos dão pêzo a tudo,
 Os môços não pézão nada.

Nesta alteração dos tempos
 Tudo he novo para mim,
 Nem me entendo, nem ao Mundo,
 E já agora môrro assim.

Muitos chamarão a isto
 De Velhice impertinencia;
 Mas he porque em seu favor
 Achão sempre a Providencia.

Eu da minha má fortuna
 Devo formar justa queixa,
 Que a lembrança do que passo,
 Nem neste dia me deixa!

Foi pela Augusta Rainha,
 Digna MARIA PRIMEIRA,
 Que alcançar pude huma Tença,
 Que jámais cobrei inteira:

Quem tem pouca subsistenciã,
 Que faltas não sentirá!
 Seguindo a Velhice a morte,
 Que talvez não tardará.

Quando da cançada vida
 Lá nos ultimos Quartéis,
 A Doença me accometer,
 Acha versos, e papeis;

Que Poetas não tem pratas,
 Nem joias de validade,
 Com que possão resistir
 A' mais curta enfermidade.

Tal foi de Camões a sorte,
 Hum Colosso de Poesia,
 Que vivendo sempre em verso,
 Acabou em prosa fria.

Sem que Vos seja importuno,
 Rogo a Vossa Protecção,
 Para quando se me off'reça
 Lemites de pertença.

Se eu consigo em meu favor
 Vosso Real Patrocínio,
 Nunca mais a vil Desgraça
 Ha de ter em mim Dominio.

Então passarei o resto
 Da minha cançada Idade,
 Parecendo-me que estou
 Outra vez na mocidade.

Mas, desculpai-me, SENHORA,
 Se do Assumptó me apartei,
 Quando dêvo só louvar
 Este prazer, que busquei.

Rasgos de melancolia
 São proprios n'hum infeliz,
 Que, em brados, contra a Fortuna,
 Sem querer troca o que diz.

Vossa Vida os Ceos alonguem
 Entre Faustos, e Alegrias,
 E que Conteis tantos Annos,
 Quantos tem sido os meus dias.

O Ceo me conceda o mesmo,
 Se o conseguir, me verão
 Louvar sempre a Real Familia,
 E a paz de toda a Nação.



DEPOIS DE HUMA OBRA,
 QUE O AUTHOR
 IMPRIMIO EM OBSEQUIO DA BOA VINDA
 DE
SUA MAGESTADE,
 INTITULADA
A ESPERANÇA REALISADA,
 SEGUIRÃO-SE AS PRESENTES
DECIMAS.

1.º

SENHOR, se inda sou lembrado,
 Se inda esta triste figura
 Póde alcançar a ventura
 De ser por Vós amparado:
 Aqui venho esperançado
 Na Real Mão, que me abriga,
 Muito embora o Mundo diga,
 Que hei de gemer té á morte,
 Quero vêr se a minha sorte,
 Inda está na teima antiga.

2.ª

São as fortunas iguaes
 De hum Poeta, e hum Pertendente;
 Este gasta, cala, e sente,
 Desafoga aquelle mais:
 Rima em Poesia os ais
 Nos acasos, que o entortão,
 Os que não podem, confortão;
 E a Bemposta inda está vendo,
 Este Poeta sofrendo
 Os males, que os dous suportão.

3.ª

Chegue agora a minha vez,
 VOSSA ALTEZA he Pio, e Justo;
 E sendo assim, nenhum custo
 Tem em repartir Mercês:
 Eu prostrado a Vossos Pés,
 Real Protecção supplico,
 Se com o que peço fico,
 Pasmado o Mundo contemplo,
 Em vêr o primeiro exemplo,
 De hum Poeta farto, e rico.

4.ª

Seja pois, quem isto diz,
 Salvo por Vosso Respeito,
 Entranhai neste meu peito
 A alegria de hum feliz!
 Se Versos Vos faço, e fiz,
 Veja-Vos compadecido;
 Raia hum Dia mais luzido,
 Que, em satisfação ditosa,
 Sejais Protector em Prosa,
 Eu, em Verso, agradecido.

5.ª

Não estranheis, em Poesia
 Serem estes rogos meus;
 Que o Santo David a Deos
 Sempre em Verso he que pedia:
 Faz-se grata esta harmonia,
 Enche as almas de prazer;
 Versos, tem todo o poder,
 Eterna vida concedem,
 Em Verso nem todos pedem,
 Em Prosa pede qualquer.

6.º

Mas Poeta precisado,
 A feia melancolia
 He sempre a Carta de Guia,
 Que o põem dos mais separado;
 Tudo lhe está preparado
 Contra o que emprendido tem;
 Até se lhe nega quem
 Possa ter d'elle algum dó;
 Apenas por si tem só
 Ser Christão, e homem de bem.

7.º

Quebre VOSSA ALTEZA, em fim,
 Por ternura, e compaixão,
 Esta força de atração,
 Que tem a Desgraça em mim:
 Se se conseguir assim,
 A Fortuna, que me tarda,
 Embora se morda, e arda
 A inveja vil, que me inquieta;
 Tenha huma vez hum Poeta
 Por si, dous Anjos da Guarda.

Por tanto venho seguir
O que requeri, SENHOR,
Como segue o Caçador
A caça, que vê fugir:
Deve rogar, e pedir
Quem vive (como se vê)
Do que escreve, e do que lê,
Vida de fel, e vinagre,
Acabai este Milagre,
E Receberá Mercê.



NOVO REQUERIMENTO

QUE FEZ O AUTHOR

A SUA Magestade Fidelissima

O SENHOR

D. MIGUEL PRIMEIRO,

ANTES DA SUA MUITO DESEJADA

ACCLAMAÇÃO.

Inclito, Augusto SENHOR,
 Diz hum infeliz Poeta,
 Joze Daniel chamado,
 A quem a má sorte inquieta:

Que circumstancias dos tempos,
 De tempos flageladores,
 O tem feito, infelizmente,
 Victima de seus Credôres.

Que se lhe deo huma Tença
 De cem mil réis, que hoje tem,
 A qual só em quarta parte
 A reduzir-se he que vem.

Não gastou mais do que tinha,
 Sempre co' a Tença contando,
 As despezas forão certas,
 A Tença foi-lhe falhando.

Que rogou a Vós, SENHOR,
 Huns dois Moios annuaes
 De Trigo, com que pudesse
 No Mundo respirar mais.

Que a Vossa Ausencia, SENHOR,
 Fez na pertenção mudança,
 Da qual sómente ficou
 Huma Saudosa Esperança.

Diz a Fabula, que Tantaló,
 Para seu crime expiar,
 Vê as agoas, vê os fructos,
 Mas não lhes póde chegar:

Assim elle vê de perto,
 Da sua fortuna a estrada;
 Mas tudo se difficulta,
 E não adianta nada.

E que triste coisa he vêr
 Hum Senhorio trombudo,
 Botando os olhos aos trastes,
 A fim de pagar-se em tudo!

Vêr Credôres de outro lote,
 Enfadados da detença,
 Dizendo; não lhes importa
 Os contra-tempos da Tença!

E quanto custa, SENHOR,
 Em mêza sem alegria,
 O pôr por força, sem meios,
 Pão nosso de cada Dia?

Estes flagellos dão causa
 A extinguir-se a existencia,
 Que de vexâme, em vexâme,
 Vai faltando a paciencia.

Que será do Supplicante,
 Quando, na avançada Idade,
 O vier accometer
 A pesada Enfermidade!

Já lhe parece estar vendo
 Vir a Morte apresentar-lhe
 A Lêtra, que ha de pagar,
 Sem poder disso escapar-lhe!

Por que he Lêtra paga á vista,
 Ou hajão fundos, ou não;
 Não quer admitir reformas,
 Nem desculpas, nem questão.

Vendo o triste Supplicante
 Que tudo he da Morte prêsa,
 Cujo poder lhe foi dado
 Pelo Author da Natureza:

Não pertende honrosos Cargos,
 Nem fita ao peito trazer;
 Deseja ser bom Vassallo,
 E contar com que viver.

Muitos com Cruzes ao peito,
 Adôrno das *casquinhas*,
 Trazem por entre os colêtes,
Compassos, e *tróllhasinhas*.

Entra hum destes no Marrára,
E logo o espêlho procura,
Namorado de si mesmo,
Por ter bonita figura.

Nota asneiras na Gazeta,
Nas Notas, mostra o que he,
Falla pelos cotovêlos,
Hora sentado, hora em pé.

Mas a Desgraça he que hum destes
Come das rendas do Estado,
Tudo o que tem julga pouco,
Sem viver amofinado.

Em quanto este requerente,
A quem segue a desventura,
Come o trabalhoso pão,
Com lagrimas de amargura.

Traquitanas, Quintas, Predios,
São cousas que não inveja;
A velhice, sem Credores,
He o que ter mais deseja.

Se algum Amigo em legado
Predios, Quintas lhe testasse,
Esta fortuna em Poeta,
Era justo se estimasse.

Que os Deógenes morrêrão;
Governa nova Razão,
Ninguem he tolo que deixe
De aceitar o que lhe dão.

Mas apouquentar os annos,
 Já com idade excessiva,
 Em procura da riqueza
 Que anda sempre fugitiva:

Não approva o Supplicante;
 Dois Dias, que ha de viver,
 Faz mais bem á Sociedade
 Pôsto á banca a discorrer.

Fundou sempre os seus Escriptos
 Em huma boa Moral;
 Com Religião, e Throno
 Sempre foi homem igual:

Nunca foi dos revoltosos,
 Nem prêso, nem reprehendido;
 Obedeceo sempre ás Leis,
 Sem exaltado partido.

Conta dezeseis Volumes
 Das suas Composições,
 Para ter a mesma sorte
 Do Desgraçado Camões.

Só VOSSA ALTEZA he Quem Póde
 Salva-lo deste naufragio,
 Porque nelle senão cumpra
 Dos Poetas o presagio:

Que he morrerem no Hospital,
 Em suma constérnação;
 Bem que os Vindouros depois
 Lhes dêem toda a estimação.

Que á excepção de Vós, SENHOR,
 Que as Bellas Lêtras prezais,
 Estes Narcisos d'agora
 Nas Walsas se esmerão mais:

E quando mostrar pertendem
 De erudição alguns restos,
Taillerant, Voltaire, Rousseau,
 He o que trazem nos testos:

Com isto se dão por promptos
 Nas suas Academias,
 Como se tivessem lido
 Hum cento de Livrarias.

Mas ah! que a penna se esquece
 Do que mais deve tratar;
 Que em lembrando estes Tafues,
 Não cança de os retratar.

E porque esta Petição,
 Já se faz hum pouco extença,
 Resumida, só demonstra
 A falta que faz a Tença.

Tem exposto a VOSSA ALTEZA
 Seu triste, mesquinho estado
 Hum Poeta Supplicante,
 Que vive tão desgraçado!

Que nunca usou de imposturas,
 Das que usão, mui descarados
 Os Cavalheiros de industria,
 Em Callotes jubilados.

Portanto, Pede os dois Moios
 De trigo, para viver,
 Que onde falta este alimento,
 Nem ha forças, nem prazer.

Valer a hum homem afflicto,
 Sempre foi Beneficencia,
 Nascida de hum Coração,
 Qual o Vosso, de Clemencia!

Isto roga humildemente,
 No vexâme em que se vê;
 Espera o prompto Despacho,
 E Receberá Mercê.



POR BOAS FESTAS DA PASCOA DE 1823,
 TEVE O AUTHOR A HONRA DE BEIJAR
 A REAL MÃO
 DO SERENISSIMO SENHOR
D. MIGUEL,
 COM ESTE
 S O N E T O.

Felizes Festas tenha VOSSA ALTEZA,
 Bem como todos nós lhe desejâmos,
 Pois quando mais contente o contemplâmos,
 Mais depressa de nós foge a tristeza:

Tem esta Primavera mais belleza,
 Do que as quatro, que inda hoje lamentâmos;
 Porém Graças ao Ceo! que já gosâmos
 O Bem da Vossa Egregia Realeza!

Deos a Nação de Benções vai cubrindo,
 O Povo vai o fructo conhecendo,
 Vós hides á união a estrada abrindo;

Té já se me figura que estou vendo
 O Nosso Redemptor, ao Ceo subindo,
 E a Paz, vinda do Ceo, a nós descendo.

NO MESMO DIA, E AO MESMO ASSUMPTO,
A SUA MAGESTADE
IMPERATRIZ, E RAINHA
NOSSA SENHORA.

S O N E T O.

Pela Ressureição do Redemptor;
 A Christandade tem grande prazer,
 Não deixa o bom Christão de conhecer,
 Quando subio ao Ceo Nosso Senhor:

Boas Festas se dão em seu louvor,
 Deixando o que a alma sente conhecer,
 E eu que hei de sempre em seus Misterios crêr,
 Da Lei que Professei, sou defensor:

Jámais hei de seguir, nem tolerar
 Da moderna Doutrina a corrupção,
 Contagio, que nos quiz contaminar;

Falla-me o Credo velho ao coração,
 E por Festas, pertendo só beijar
 De VOSSA MAGESTADE, a Regia Mão.

*Depois do Dia Memoravel 7 de Julho de 1828, fez
o Author huma Obra que imprimio intitulado a
Coróa na Desejada Acclamação do Nosso Ama-
vel Soberano O SENHOR D. MIGUEL
PRIMEIRO: e á Grande fortuna que os Ver-
dadeiros Portuguezes alcançárão seguio-se este*

SONETO.

Louvores mil á Santa Providencia,
Que tanto nos acode, e nos vegia!
Porque da Seita infame a tyrannia
Não firme em Portugal a prepotencia:

Hum Vigilante Rei, Rei de Clemencia,
Deos enviou á Lusa Monarchia,
E os Vassallos verão, de dia em dia,
Em Lysia prosperar fausta opulencia:

Se inda honrados Avós não immitamos,
Para obter seu Character verdadeiro,
Seus passos, suas maximas sigamos;

Da Cáfila infernal morra o viveiro,
Pois que tambem de Affonso a gosar vamos
Copia fiel, em DOM MIGUEL PRIMEIRO.

Pertendendo, o Author, do Senhor D. MIGUEL PRIMEIRO dois moios de trigo annuaes, Sua Magestade o esperançou; mas tardando o Despacho, fez o Author os seguintes

S O N E T O S.

EM DIA DE SANTA RITA.

Com devota Promessa a Santa Rita,
 Santa nos impossiveis milagrosa,
 Não em verso, SENHOR, mas sim em Prosa,
 Dé trigo a Pertenção lhe puz escripta:

De tudo lança mão quem necessita,
 Por vencer a Desgraça rigorosa,
 E da Vossa Alma, em tudo Generosa,
 Que se ultime Esta Graça o Ceo permitta!

Duas Promessas temos nesta scena,
 A que Vós me fizestes compassivo,
 E essa que eu fiz á Santa, não pequena!

Eu de cumprir a minha não me esquivo,
 E só falta que Assigne a Vossa Penna
 Que eu o trigo receba em quanto vivo.

FAZENDO O AUTHOR VER
A SUA MAGESTADE
HUM SONHO QUE TEVE.

SONETO.

Alta noite em meu leito descansando,
Vi a Morte, SENHOR, que a mim chegava;
Entre Sonhos, a fera Decretava
Que os meus Dias se fossem terminando:

Huma espiga de trigo debulhando,
O fim que tudo tinha me mostrava,
E n'hum relógio, que a seu lado estava,
Vi quão veloz o tempo hia passando!

Tudo he certo, que nasce, cresce, e morre,
Que tudo neste Mundo anda em partida,
Que de nós a fugir o tempo corre;

Mas á espera da Graça promettida,
Naquelle triste Sonho então me occorre
Pedir á Morte, huns annos mais de vida.



P E T I Ç ã O

QUE O AUTHOR FEZ A' MORTE.



S O N E T O .

Suspenda, por quem he, Senhora Morte
 A fouce cortadora que me deita,
 Não faça aos annos meus essa desfeita,
 Que eu ainda me sinto hum tanto forte:

Deixe sahir em trigo a minha sorte,
 Por huma Petição ha muito feita,
 Que SUA MAGESTADE não regeita
 Rogativas, de quem tem digno porte:

Hum bom Despacho julgo que me cabe,
 Pois que pelo Meu Rei as Graças Rendo
 Ao Ceo, que as intenções dos Mortaes sabe;

Deixe vêr se me dão com que hir vivendo,
 Antes que do Gorgulho a praga acabe
 De arruinar o trigo, que pertendo.

S O N E T O.

Qual Enfermo de grave Hydropesia,
 Que procura matar com agoa a sêde,
 Assim este Poeta no que pede,
 Busca o Despacho seu, de Dia em Dia:

Não he impertinencia, nem mania,
 He vêr se escapar pôde á extença rêde,
 Que a pobreza lhe lança, e que lhe impede
 Os meios de viver com alegria:

Pertende o Supplicante, nos seus Damnos,
 Caminho descobrir, maneira, ou geito,
 Com que possa vencer Fados tyrannos;

Se o seu Requerimento fosse aceito,
 No trigo que pedio ha já seis annos,
 Seis seáras podia já ter feito.

 S O N E T O .

Do Cáhos tenebroso fez o Mundo
 O Deos que rege o Tempo e Natureza,
 Creou nos Ceos dos Astros a belleza,
 Creou secunda terra, e mar profundo:

Peixes, Aves, e hum Homem, sem segundo,
 Formou com a maior delicadeza;
 E para se ultimar tão Grande Empreza,
 Companheira lhe deo de hum ar jocundo:

Depois da grave Culpa commetida,
 Hum e outro tiverão por castigo,
 Com custo grangear a infausta vida.

A mesma pena se entendeo comigo,
 Pois ando de anno em anno em ardua lida,
 Sem poder alcançar hum grão de trigo.

SONETO.

A Fonte sem ter agoa não he Fonte,
 Sem ter pastos nutrir não póde o gado,
 Ser velho Enfermo, e pobre he triste estado,
 Sem seguro alicerce cáie a ponte;

Séca o Téjo sem ter agoas do monte,
 Sem Sol não cresce a flor no verde prado,
 Quem sementes á terra não tem dado,
 Com util producção tambem não conte;

A natureza em tudo está disposta
 A receber no Mundo hum certo abrigo,
 De que se vigorisa e muito gosta;

E eu que em mar de esperanças rumo sigo,
 Para não vir a dár de todo á costa,
 Desejava fazer lastro de trigo.

*Formando-se os Corpos de Realistas, e Urbanos,
o Author Commandante do 1.º Batalhão da Le-
gião do Passo da Rainha, Protesta a Sua fe-
delidade ao Throno, e á Patria.*



Se eu me visse, SENHOR, naquella Idade,
Em que o fogo dos annos tudo encara,
Só por Servir a VOSSA MAGESTADE,
Entre os Moços briosos me alistára:
Mas se ainda util ser assim Vos posso,
Prompto, e fiel serei ao Mando Vosso.


S O N E T O.


Apartado da triste Dependencia,
Ou Despachado, ou não no que pertendo,
Como sou Portuguez, sempre propendo
Para Vos ser fiel, que he consequencia:

Embara surja a vil malevolencia,
Com Socios infernaes males tecendo,
Que o Povo, que he Leal, o braço erguendo,
Lhes ha de mal lograr a deligencia:

Juro constante pelo Ceo Sagrado,
Que Vos conservo sempre na lembrança,
Que por Vós déra a vida de bom grado;

Portugal em Vós põe a Confiança,
Sois, no conceito deste Povo honrado,
Joia Immortal da Casa de Bragança.



 S O N E T O .



He da pestifera, infernal Mania,
 Tirar ao Mundo a paz, pôllo em desordem,
 E depois de perdida toda a Ordem,
 Disputar o Atheismo a primazia:

Eis a Ira de Deos se desafia,
 E castiga os Mortaes para que acordem;
 Te que de se emendarem se recordem,
 Segunda Babilonia nelles cria:

Mas Portugal, hum Reino que tem sido
 A inveja das Nações, por Deos guardado,
 Perseguido será, nunca vencido!

MIGUEL PRIMEIRO o tem fortificado,
 Tem inimigos seus deminuido,
 Este Rei ha de ser sempre lembrado.

—◆◆◆—

D E C I M A S.

—◆◆◆—

DEOS, com Seu Alto Poder,
 Acode a qualquer motim;
 Por não conseguirse o fim,
 Que os máos nos desejão vêr:
 Conservar o Throno quer
 Illeso de atraçoados;
 Para desterrar malvados,
 Lhe concede Este Rei Novo,
 Que em Governar o Seu Povo,
 Põe todos os seus cidadós.

O Ceo lhe dilate a Vida,
 Nelle temos Rei, e Pai;
 Pouco, e pouco a Nação vai
 A ser Nação renascida:
 Lysia sempre agradecida,
 O seu prazer manifesta;
 Maior bem já lhe não resta,
 He MIGUEL firme Coluna,
 E neste Mundo, fortuna
Ou a não ha, ou he Esta.

NA PERTENÇÃO DO AUTHOR,

SONETO.

Vivo ha muito, SENHOR, esperançado
 No trigo que pedi, porém que importa,
 Se tenho hido bater a tanta porta,
 Sem me vêr em alguma Despachado!

O meu Prior me tem vaticinado,
 Que pouco durarei; e largo corta
 Pela Offerta que espera: o que o conforta
 He vêr-me em annos tão adiantado:

A VOSSA MAGESTADE he que me abrigo,
 Vós Sois, SENHOR, o Astro verdadeiro,
 A quem respeito, louvo, busco, e sigo;

Porque até alcançar o que requeiro,
 Se os Celeiros estão cheios de trigo,
 Eu farei de Sonetos hum Celeiro.

SONETO.

Eu não posso, SENHOR, bem comprehender
Do meu Despacho a grande confusão!
Apenas só me lembra huma razão,
Que faça a Real Graça Suspende:

O motivo talvez que venha a ser
O ter eu de Poeta a condição,
Prenda infeliz! que a quanto lança a mão,
Logo se julga nada merecer:

Acabarei com este dissabor,
Pobre me vêjo, e pobre heide ficar,
Que contra o Fado máo, não ha vigor;

Isto por fim me faz capacitar,
Que o trigo que pedi, REAL SENHOR,
Menos custa a crescer, do que alcançar.

SONETO.

Dizem que fazer Versos he' doudice,
 Erra quem tal conceito tem formado,
 Isso seria só bem applicado,
 Se hum' doudo a fazer Versos' alguém visse:

Eu mesmo conhecendo-me em velhice,
 Nos meus cinco sentidos' apurado,
 Discorro, e escrevo tão desafogado,
 Como se nos meus vinte me sentisse:

Bem pôde endoudecer todo o vivente,
 Faça Versos, ou não; que a Natureza
 He nas prendas, e Idades indiff'rente;

A Poezia tem Arte, e tem belleza,
 Não he' com Versos que endoudece a gente,
 Para se endoudecer, basta a pobreza.

AO DIA DOS ANNOS DO AUTHOR,

A 30 DE OUTUBRO DE 1828,

SONETO.

Neste Dia, SENHOR, meus annos faço,
 Cheio de magoa, cheio de amargura,
 Que me persegue tanto a desventura,
 Que me armou da pobreza o triste laço:

Da Vida á Morte vai pequeno espaço,
 E vêjo a minha Idade em grande altura,
 Nasci já com Estrella muito escura,
 Pois tudo se me vai fazendo escaço:

Se os Vossos Annos fôrão Primavera,
 Hoje os meus são Inverno rigoroso,
 Tempo, que já em mim não degenera;

Vêjo-me sem Despacho desgostoso,
 Evitai-me, SENHOR, a longa espera,
 Fazei de hum infeliz, hum venturoso.

RECEBENDO O AUTHOR,

PARA

SUA SUBSISTENCIA,

DE SUA MAGESTADE FEDELISSIMA

O SENHOR

DOM MIGUEL PRIMEIRO

A REAL GRAÇA

DE DOIS MOIOS DE TRIGO ANNUAES.

DA

SERENISSIMA CASA DO INFANTADO,

O MESMO AUTHOR

MOSTRA A SUA GRATIDÃO

NA SEGUINTE OBRA:

FOI DESPACHADO NO DIA DE SEUS ANNOS

A 30 DE OUTUBRO,

TENDO NO DIA 26 APPLAUDIDO

OS PRECIOSOS ANNOS

DE SUA MAGESTADE,

COM O FOLHETO QUE CORRE IMPRESSO, INTITULADO

O BOM DIA PARA OS HOMENS DE BEM.

RECEBENDO O AUTOR,

SUA SUBSISTENCIA,

DE SUA MAGESTADE REBELISSIMA

G R A T I D ã O.

DOM MIGUEL PRIMEIRO

A REAL GRAÇA

Quando a Mão Bemfeitora favorece
 Quem Dá, e quem recebe se entenece;
 E Deos, que Boas Obras vêr procura,
 No Ceo a recompensa lhes segura,
 Como Juiz Supremo Sentençaia
 Castiga as accções más, Boas Premeia.

TOI DESTACADO EN EL AÑO DE 1800

A 20 DE OCTUBRE,

TRINDO NO DIA DE APPLAUDIDO

OS REACUSOS AMOS

DE SUA MAGESTADE

CON O CONSELHO DE GOVERNO REBELISSIMO, INSTAADO

O HOM DIA PARA OS HOMENS DE BEM.

SENHOR.

O meu devido reconhecimento ao Beneficio, que acabo de receber em ser Agraciado pela Grande Compaixão de VOSSA REAL MAGESTADE; me Conduz á Sua Real Presença, offerecendo seis Sonetos, que pelo Sal Attico, mas decente, de que os adornei, mostro bem a alegria, com que os fiz, confiando muito na Beneguidade de VOSSA REAL MAGESTADE; que Desculpará as expressões, que nascêrão do meu justo contentamento.

Amanheção sempre a VOSSA MAGESTADE Dias de Prazer; assim como raiou para mim este alegre Dia, em que a Real Beneficencia de VOSSA MAGESTADE me Despachou.

SENHOR

O SENHOR

Beijo a Real Mão de VOSSA MAGESTA-
 DE; como fiel, e protegido Vassallo; pois con-
 serva sempre no Coração os verdadeiros Sentimen-
 tos de Amor, e Respeito á Pessoa de VOSSA REAL
 MAGESTADE

Beijo a Real Mão de VOSSA MAGESTA-
 DE; como fiel, e protegido Vassallo; pois con-
 serva sempre no Coração os verdadeiros Sentimen-
 tos de Amor, e Respeito á Pessoa de VOSSA REAL
 MAGESTADE

Joze Daniel Rodrigues da Costa.

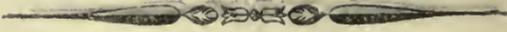
SONETO.

Beijar a Real Mão venho contente,
 Pela que me outorgaes Suprema Graça,
 Agrilhoar a perfida Desgraça,
 Eu já posso com animo valente:

Assim como extinguis com Mão Potente
 Da perfidia infernal a indigna raça,
 O Damno, que os meus dias ameaça,
 Também Vós extinguis rapidamente:

Sempre foi a abundancia de bom trigo
 O presagio de hum anno afortunado,
 Já da minha fortuna o mesmo digo;

Foi Vosso Coração do Ceo tocado,
 Visto que repartis tambem comigo
 Do Pão que a Providencia vos tem dado.

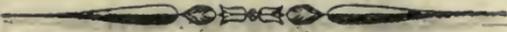
—————

 SONETO:
 —————


Hum Poeta, que livros tem abrido,
 E que do Mundo o jôgo bem conhece,
 Nem riqueza, nem faustos appetite,
 Viver deseja honrado, e comedido;

Eu tenho só por unico partido;
 Desprezar o que aó A'vido engrandece,
 Visto que tudo que ha, tudo fenece,
 Que a cinza fica tudo reduzido;

Com decencia vestir, tér o sustentó,
 Que preciso se faz á humanidade,
 Com esta mediania me contento;

Eu a desfructo da Real Bõndade,
 E pelo Beneficio que exp'riibento
 Rogo mil Bens a VOSSA MAJESTADE.



 S O N E T O .



Qual Mestre de Capella azafamado,
 As bochechas de vento prompto enchendo,
 O compasso na mão déstro batendo,
 Com os olhos na solfa extaziado!

Tal eu me julgo ao vêr-me Despachado,
 A quem me Despachou Graças rendendo,
 Que os meus dias oppressos vai mantendo,
 E me deixa escrever desafogado:

Bem haja a Mão que os Versos meus aceita!
 Que a indigencia cruel de mim desterra,
 Monstro, que qualidades não respeita;

Seára Milagrosa em mim se encerra,
 Porque em quanto viver tenho Colheita,
 Sou Layrador, sem ter palmo de terra.



 S O N E T O .



Sem usar de Poesia altisonante,
 Tudo Palavras, e em sustancia nada,
 Aminha Musa, hum pouco avelhantada,
 Sempre em louvar-Vos foi a mais constante:

A Vossa Aceitação a fez brilhante,
 E não póde chamar-se desgraçada,
 Porque já foi, SENHOR, agraciada,
 Para não hir de pobre a sina ávante:

Em Vós, SENHOR, achei o meu soccorro,
 Muito devo ao systema a que me ligo,
 Que a Deos, e a Vós, he só a quem recorro;

Deos, sem lho merecer, anda comigo,
 Porque no vasto Campo em que discorro,
 Semeando a Moral, nasce-me trigo.

SONETO.

Hoje, que já me vêjo Despachado,
 Casar, por ser viuvo, me lembrava,
 Mas isto he tentação que me acabava,
 Porque aos Velhos destroça hum novo Estado:

Para o trigo por mim ser desfrutado,
 Devo ficar no tom, em que me achava,
 Que a horrenda Sepultura o Velho cava,
 Velho com vicios, em Taful tornado:

Quero ser mais prudente nesta idade,
 Que setenta e dois annos são Arpias,
 Que do rosto me roubão a vaidade;

Não me devo meter em folistrias,
 Rogar a Deos por VOSSA MAGESTADE
 Devo só, neste resto dos meus Dias.

SONETO.

Hum Poeta, SENHOR, bem que pertenda
 Mostrar-se a Benefícios obrigado,
 Como nos Versos tem o seu Morgado,
 Nutre os desejos, c'o a Phebéa prenda:

Não Vos pedi, SENHOR, huma Commenda;
 Pedi pão, que nutrisse hum Desgraçado;
 O que anda em Fidalguias enfronhado
 He bem que Distinções gosar emprenda:

Vós ao meu Estro Dais hum Grande Alento,
 Sois Pai, sois Bemfeitor, meu firme Apôio,
 Onde pude encontrar Acolhimento;

Se recebo de Vós trigo sem jôio,
 Para mostrar o meu contentamento,
 Trez Sonetos Vos dou por cada moio.

NO INFELIZ ACASO
 QUE TEVE
 SUA MAGESTADE
 NO CARRINHO, EM QUE SE CONDUZIA.

SONETO.

Vir assignar meu nome, sem Vos ver, ²
 Augmenta a minha mágoa, o meu pezar;
 E para o Coração desafogar,
 Trez Sonetos Vos quiz, SENHOR, fazer: ²

Tem a Poesia força, e tem poder ²
 Não só de destrahir, mas de alegrar,
 E do sono também conciliar
 A quem mostra fastio para lêr: ²

Eu só Vos desejava divertir,
 Este o intento foi, com que a compôr
 Me dispuz, e feliz se o conseguir! ²

De segundo Camões não venho impôr,
 Devo ser desculpado por cumprir
 O que devo ao meu Rei, meu Bemfeitor: ²

SONETO.

SENHOR, naquelle Dia, infeliz Dia!
 Em que o triste successo se contava,
 Muita gente o desastre lamentava,
 Com huma natural melancolia:

Vós, e Vossas Irmãs a quem vos via;
 A dôr os tristes corações cortava,
 A Nação tanto mais se consternava,
 Tanto mais Vossa Vida ao Ceo pedia:

Que em Guardar-Vos se empenha a Providencia
 He verdade, que só negar se pôde
 Ou por muita impiedade, ou por demencia;

Prova que mais a isto se accommode
 He vêr, quanto a Divina Omnipotencia
 Ou por mar, ou por terra Vos accode.

JOVIAL, MAS VERDADEIRO

SONETO.

Missas mando dizer a Santo Amaro,
 Seis Arrateis de Cera lhe prometto,
 E a VOSSA MAGESTADE hum bom Soneto,
 Se o desastre tiver prompto reparo:

Vós sois o Nosso Rei, o Nosso Amparo,
 Sem Vós, ficava o Reino hum Esqueleto;
 Só de o pençar, parece que hum véo preto
 Me enluta o coração, por Vós, avaro!

Esses que a Patria tem pôsto em perigos,
 Sofrão causticos, bixas, e lancetas,
 Como impios, derramados inimigos;

Elles do Inferno são vis estafetas,
 Chova-lhe em cima o Ceo tantos castigos,
 Que não possam dar passo sem moletas.

NO FELIZ, E TÃO DESEJADO
 RESTABELECIMENTO,
 QUE
 SUA REAL MAGESTADE
 CONSEGUIO NA SUA MOLESTIA,
 QUE MUITO SENTIDA FOI
 PELOS SEUS FIEIS VASSALLOS.
 DEOS, DEOS, DEOS,
 O teu Nome seja Santificado,
 Glorifiquem-te os Ceos, e a Terra,
 Seja Bemdicto nos Seculos.

*Esta he a voz, com que hum Servo de Deos lou-
 vava ao seu Creador, e he a mesma voz com que
 toda esta Nação principia a render ao Eterno as
 devidas Graças, pelas felices Melhoras de VOSSA
 REAL MAGESTADE: Digo toda a Nação; por
 que a pequena parte de malvados que se achão por
 fóra, e inda entre nós, he indigna de se contar no*

Numero de Nação: nem taes individuos devem gozar da Nobreza do Nome Portuguez, mas sim serem tidos por fructos degenerados desta frondosa Arvore.

A Mão da Summa Providencia, que nos abençoá, e que sempre nos tem acodido nos lances mais arriscados, he quem segura a Preciosa Vida de VOSSA MAGESTADE, como firme alicerce do Luso Edificio.

Vós fostes, SENHOR, destinado para esta Monarchia, e por isso Deos Vos Dotou com as Bellas Qualidades, e Sublimes Virtudes, que Vos fazem Digno de Governar os Póvos.

A mesma incomprehensivel Providencia, ouvindo os nossos Votos, e Deprecações, Vos ha de auxiliar no grande empenho, que Fazeis em conter este Povo em paz, e união, e progressivamente em chamar a este Reino todos os possiveis meios da sua subsistencia.

Pequenos, e Grandes, Velhice, e Mocidade todos rogão a Deos pela Vida de VOSSA REAL MAGESTADE, e não menos pela Digna SENHORA IMPERATRIZ, e RAINHA. Esta

Familia Real, alenta toda a Nação, a qual com o prazer que já desfruta no restabelecimento da Importante Saude do SEU MONARCHA, grata a tantos Beneficios, repete constantemente

DEOS, DEOS, DEOS,
 O teu Nome seja Santificado,
 Glorifiquem-te os Ceos, e a Terra,
 Sejas Bemdicto nos Seculos.

*Tem a Honra de beijar a Mão de VOSSA
 REAL MAGESTADE, com esta pequena Offerta,*



 S O N E T O .



Sem me valer, SENHOR, de estillo escuro,
 Com palavras, que ás vezes mal se entendem,
 Vos fiz quatro Sonetos, que comp'rendem
 O prazer da Nação sincero, e puro:

De Fabulas enchê-los não procuro,
 Reaes Motivos, dellas não dependem;
 Sem Jupiter, ou Marte bem se expendem,
 Chamo Deos ao meu Deos, que he mais seguro:

Elle acodio a VOSSA MAGESTADE,
 De homens máos tem o Reino defendido,
 Firme a Nação Vos guarda lealdade;

Que no Throno Vos quer he decedido,
 Contra o Alto Poder da Divindade,
 Não póde a ingratição tirar partido.

SONETO.

Parabens dou a VOSSA MAGESTADE
 De se vêr a Nação livre de susto,
 Porque se em Vós perdia o Seu Augusto,
 Ficava anciosa, em misera Orfandade:

Não mais se avive tal calamidade,
 O Povo Vos quer vêr são, e robusto,
 Reconhecendo, em Vós, hum Rei tão Justo,
 Que adoça a sã Justiça c'o a piedade:

Fugio de Portugal todo o desgosto,
 Muito consegue quem em Deos confia,
 Quem a sua esperança em Deos tem pôsto!

Já por toda a Nação, de Dia em Dia,
 Dos olhos saltão lagrimas de gosto,
 Nadão os corações em alegria.



 S O N E T O .



Fôrão as rogativas bem aceitas,
 Que o Povo fez a Deos, por Vossa Vida,
 E por Deos será sempre defendida,
 Que hum Deos, não deixa as obras imperfeitas:

Mesteriosas coisas vimos feitas,
 Logo que se marcou Vossa partida!
 Té que por tempestade embravecida
 Viestes dissipar tristès suspeitas:

De muito a Vossa Vida nos importa,
 E o Vosso Anjo da Guarda cuidadoso
 Vos guia; Vos ampara, e Vos conforta;

Que Deos em seu Juizo Portentoso,
 Quandô a Desgraça atalha, e p'rigos corta,
 He quando mais se mostra Poderoso.

SONETO.

Quem disser atracção, e simpatia,
Diz Luso Povo, e D. MIGUEL PRIMEIRO,
Pois com igual amor, e verdadeiro,
Rei, e Povo hum ao outro se auxilia:

Tal força de união nos dois se cria,
Que aos rebeldes dispersão do ninheiro
Donde querião vêr hum Estrangeiro
Do Brazil, regendo esta Monarchia:

A crêr nos custa a grande ligeireza,
Com que os traidores vão fugindo ao laço,
Que lhes tece a Justiça Portugueza!

Sendo mais dê pasmar vêr neste passo,
Que antes queirão comer batata Ingleza,
Que farinha de pão, couco, e melação.


 NAS BOAS FESTAS DO NATAL DE 1828,
 A SUA Magestade
 IMPERIAL, E REAL,
 A SENHORA
 D. CARLOTA JOAQUINA
 DE BOURBON.


 S O N E T O.

Se o Vosso Coração, RAINHA AUGUSTA,
 Tem sido tantas vezes golpeado
 Por mil tormentos, que fulmina o Fado,
 Que onde chega horroriza, espanta, assusta:

Divina Providencia, sempre justa,
 Entre os p'rigos Vos tem fortificado,
 E Tendes de inimigos triunfado,
 Victoria, que aos traidores bem lhes custa:

Louvores a Nação ao Ceo invia,
 Porque hoje vê a VOSSA Magestade
 Já livre do que tanto se sentia;

De Terna Mãe o Amor, e Humanidade,
 Tornão toda a tristeza em alegria,
 Festas felices dando á nossa Idade.

SONETO.

Boas Festas nos Deu Nosso Senhor,
Livrando de cuidado Portugal,
Em salvar o seu Rei do grande mal,
Que a Nação em desgraça havia pôr:

Modificou-se o nosso dissabôr,

Pelo Reino o prazer se fez geral,
E vão seguir-se ás Festas do Natal,
Festas de Gratidão ao Redemptor:

Oh! Inclita Rainha! muitos são

Os Prodigios, que a Deos vemos fazer,
Que tocão vivamente o Coração!

Festas por todo o Reino se hão de vêr,

E entre o Contentamento, e a Devoção,
As ha de o Ceo Benigno receber.

M E M O R I A.

DO DIA 22 DE FEVEREIRO DE 1828,

EM QUE

OS PORTUGUEZES TIVERÃO A GRANDE FORTUNA

DE TORNAR A VER

O SEU INCLITO MONARCHA,

O SENHOR

D. MIGUEL PRIMEIRO,

REI DE PORTUGAL, E ALGARVES.

S O N E T O.

Por Prodigio do Ceo, vencendo os mares,
 Foi VOSSA Magestade a nós Presente,
 Feliz Dia! em que o Povo de contente,
 Só por Vos vêr, deixava os proprios lares:

As lagrimas corrião a milhares,
 Nascidas de hum prazer puro, innocente,
 Que este Povo de Lysia he descendente
 De Heróes, que em tudo forão exemplares:

Elle crê, que por Deos foi escolhido,
 Que em Vós lhe deu hum Rei Justo, e Perfeito,
 Por quem ha de ser sempre defendido;

Desterre-se o Traidor que fôr suspeito,
 Que o Reino Vos Offerta agradecido,
 Fedelidade, Amor, Vida, e Respeito.

S O N E T O.

Corta os mares feliz MIGUEL PRIMEIRO,
 Nos Reinos onde chega he estimado,
 Apromptão-lhe as Nações decente Estado,
 Contando-O por Amigo verdadeiro:

Volve de novo a Lysia, e tão ligeiro,
 Que não parece sustos ter passado,
 Por Elle o Luso Povo he tão amado.
 Que para o defender se faz Guerreiro:

O Dia em que chegou, Lysia Festeja
 Com Prazer sem igual, em nós nascido,
 Que nisto a Nação mostra o que deseja;

Pois tambem por MIGUEL, Joven Querido,
 Permite o Omnipotente que se vêja
 Seguro o Throno, o Povo renascido.

S O N E T O.

Insisti, Portuguezes, que eu insisto
 Em que o Grande MIGUEL he Rei Perfeito,
 Tenho fé, que do Ceo já veio Eleito,
 Para suster as ARMAS que deo Christo:

Esse estrago geral, que temos visto,
 Pela vil, e infernal intriga feito,
 Não nos pôde tirar nunca o Direito,
 Que ao Seu Governo temos, tão previsto:

De O tornar Lysia a vêr, foi hoje o Dia,
 Dia que tem marcado os Lusitanos;
 Defensores fieis da Monarchia;

MIGUEL vem minorar os nossos Damnos,
 Resta pedir ao Ceo, que O Aprecia,
 O conserve no Throno longos annos.

SONETO.

Não te cances, subtil Hypocresia,
 Com erros detestaveis, que semeias,
 Já entre nós, malvada, não ateias,
 Esse fogo infernal, que te nutria:

Raiou aos Lusitanos este Dia,
 Fazendo florescer Moraes ideias,
 Com as quaes se espedação as cadeias,
 Que nos lançava a tua tyrannia:

Com razão os perversos se temião
 Do Inclito MIGUEL, que he quem nos ha de
 Livrar dos Impostores, que ferveriãõ;

Veio para dar fim da impiedade,
 Esmagar Monstros, que as Cavernas crião,
 Tornar mais venturosa a nossa Idade.



 S O N E T O .



Era huma vez hum Reino enriquecido
 De Virtudes moraes, e de Thesoiros,
 Sem sentir, nem temer os máos agoiros,
 Que outros Reinos maiores têm sentido:

Vai senão quando, hum Córso embravecido,
 Mais altivo, mais barbaro que Moiros,
 Qual os foguetes a soltar estoiros,
 A' força; quiz no Reino achar partido:

De impiedades, e vicios tudo alaga,
 Pondo só lebertinos de poleiro,
 Peste, que, ha tempos, este Reino estraga;

Eis Entra a vinte e dois de Fevereiro
 Hum Joven, que vem dar fim desta praga,
 Viva (Diz a Nação) MIGUEL PRIMEIRO.

Não se tendo Offerecido ao Author occasião de beijar
a Real Mão de SUA MAGESTADE, na
Audiencia satisfez o seu desejo, com
o seguinte

S O N E T O.

Na fórma de importuno pertendente,
Não venho aos Pés de VOSSA MAGESTADE;
Quem aqui me conduz, he a Saudade
Da Real Mão beijar; fico contente;

Por Vós, meu coração tal paixão sente,
Que a Vós só quer guardar Fedelidade,
Sois Meu Rei, Bemfeitor, Felecidade,
Que não tive outra igual, té ao presente;

Huma côr tenho só, não sou *malhado*,
Sei conservar, SENHOR, Character firme,
Os passos sigo ao Portuguez honrado;

Jámais de Vos servir hei de exemir-me,
Deste Voto, por mim retecado,
Só a Morte he que póde destrahir-me.



PELAS FESTAS DA PASCOA

DO

PRESENTE ANNO DE 1829,

AO MUITO PODEROSO SENHOR,

D. MIGUEL PRIMEIRO,
REI DE PORTUGAL, E ALGARVES.



SOBERANO SENHOR.

*H*e para mim o Dia de maior Prazer aquelle em que pego na penna, para louvar a VOSSA MAGESTADE, a occorrença das Obras que a VOSSA MAGESTADE tenho deregido, prova bem o Prazer com que as escrevo.

O meu coração, quando fallo de VOSSA MAGESTADE, no meio das perfidias de tantos desgraçados impostóres, e maniacos, parece cobrar hum desusado alento, que o electerisa; he então que se occupa a minha memoria com a ideia dos muitos Vassallos fieis, e honrados Portuguezes, que com

a penna, e com a espada defendião, em outro tempo, o Throno que tão dignamente, e com tanta Justiça VOSSA MAGESTADE hoje occupa: Quizera o Ceo, que os de agora seguissem os seus empregos!

A estas lembranças, chamão os novos illuminados rasgos de melancolia, sem verem, que elles são os que a causão a todo o Reino, pelas desgraças de que tem sido motóres, e pelas que intentavão perpetrar, se Deos nos não acudisse.

Deos no Ceo, e VOSSA MAGESTADE na terra são os insetivos da nossa Alegria: O Redemptor do Mundo inspira a VOSSA MAGESTADE, e VOSSA MAGESTADE como Catholico, immitando o Primeiro Rei dos Portuguezes, felizmente Nos vai abrindo o caminho á felicidade, e minurando tantas calamidades que soffremos.

Nestes Dias pois, que a Igreja nos destina kum geral contentamento na Resurreição do Nosso Deos, he que me derijo a beijar a Real Mão de VOSSA MAGESTADE, que desfructa, e reparte por todo este Povo as Festas mais felizes. Com o maior respeito, Offerece a VOSSA MAGESTADE os seguintes Sonetos

S O N E T O.

Na Pascoa, que aos Christãos tanto contenta,
 Festas felizes este Reino gosa,
 E julga-se a Nação mais venturosa,
 Porque em Vós, o Seu Rei se lhe apresenta:

Assim nos Homens Santa Paz se augmenta,
 Governados por Almia Generosa
 Qual a Vossa, que abate a facciosa
 Seita infernal, que em raivas se apouquenta:

Do Vosso Coração esperanças
 Ver a noute chegar; nascer o Dia
 No socêgo, que todos desejamos;

Vós dais aos Póvos bons doce Alegria,
 Boas Festas por Vós todos gosamos,
 Que Deos Vos Abençôa a Monarchia.

Quando o Author teve a Honra de dar esta Obra
 a SUA MAGESTADE, levou este Soneto o
 Emblema de huma bonita Rosa sahindo do
 centro della a figura da União.

S O N E T O.

He Symbolo huma Rosa da Amizade,
 Della sahe a União que desejamos,
 Que a Regia Successão, que inda esperamos,
 Esta Ventura confirmar nos hade:

Que Prazer será vêrmos nesta Idade
 Do Bragantino Tronco Excelços Ramos,
 Dynastia que muito respeitamos,
 Que promette feliz Posteridade:

Lysia Vos roga Escólha a Novo Estado,
 Que farta já de scenas indegestas,
 Se tem desta esperança reanimado;

Ao Ceo são Nossas Precés manifestas,
 Deixai que Vos vêjamos desposado,
 Dai nos, SENHOR, assumpto a novas Festas.

PELAS BOAS FESTAS DA PASCOA

NO DIA 25 DE ABRIL DE 1829,

EM QUE

SUA MAGESTADE IMPERIAL E REAL

A SENHORA

D. CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON,

CONTA OS SEUS FAUSTOSOS ANOS.

SENHORA.

O Dia dos Perciosos Annos de *VOSSA MAGESTADE IMPERIAL, E REAL*, he o Dia Memoravel em que toda a Nação exulta; respeitand-o a *VOSSA MAGESTADE* como carinhosa Mãi, como Soberana Rainha, e como Compendio de Virtudes; e inda que *VOSSA MAGESTADE*, por modestia, queira que Estas se entreguem ao esquecimento, a Nação o não permite lembrada dos Benefícios, que Dellas tem resultado, em diferentes Epocas, a todos os Lcaes Portuguezes.

Eu mesmo IMPERIAL E REAL SENHORA, não posso lembrar-me deste Dia, sem que o meu rosto se innunde de Prazer; as mesmas Nações estranhas conhecem, e louvão os Altos Merecimentos, que fulgurão em VOSSA MAGESTADE.

Os Lusos Póvos rogam ao Ceo vérem sempre a prolongação da suspirada Vida de VOSSA MAGESTADE, para consolação de todos, e Companhia Estimavel do Nosso Querido Monarcha O SENHOR D. MIGUEL PRIMEIRO.

Assim he que este Povo póde gosar Festas felizes: Desfrute VOSSA MAGESTADE IMPERIAL E REAL, não só Boas Festas; mas Venturosos Annos por Dilatada Idade, com que toda a Real Familia possa gostosa agradecer ao Ente Supremo esta incomparavel Fortuna: De todo o Coração assim o deseja, e neste Dia

Com o maior respeito

*Beija a Mão de VOSSA MAGESTADE
IMPERIAL, E REAL*

S O N E T O.

Hum Vassalo que estima, e que respeita
 A VOSSA Magestade, he Neste Dia,
 Quem cheio de huma insólita Alegria,
 Deseja ter a Festa mais perfeita:

Tal Politica sempre foi aceita,
 Em Memoria de Hum Deos, que o Reino Guia,
 Boas Festas se dão em harmonia,
 Só não as dá, quem for filho da Seita:

Conceda Deos a VOSSA Magestade
 Festas felizes, quaes eu sempre invejo
 Com Saude, Prazer, e longa Idade;

Secenta Pascoas mais eu Vos desejo,
 Que muito heide estimar a raridade,
 Se em todas ellas, com vigor Vos vêjo!

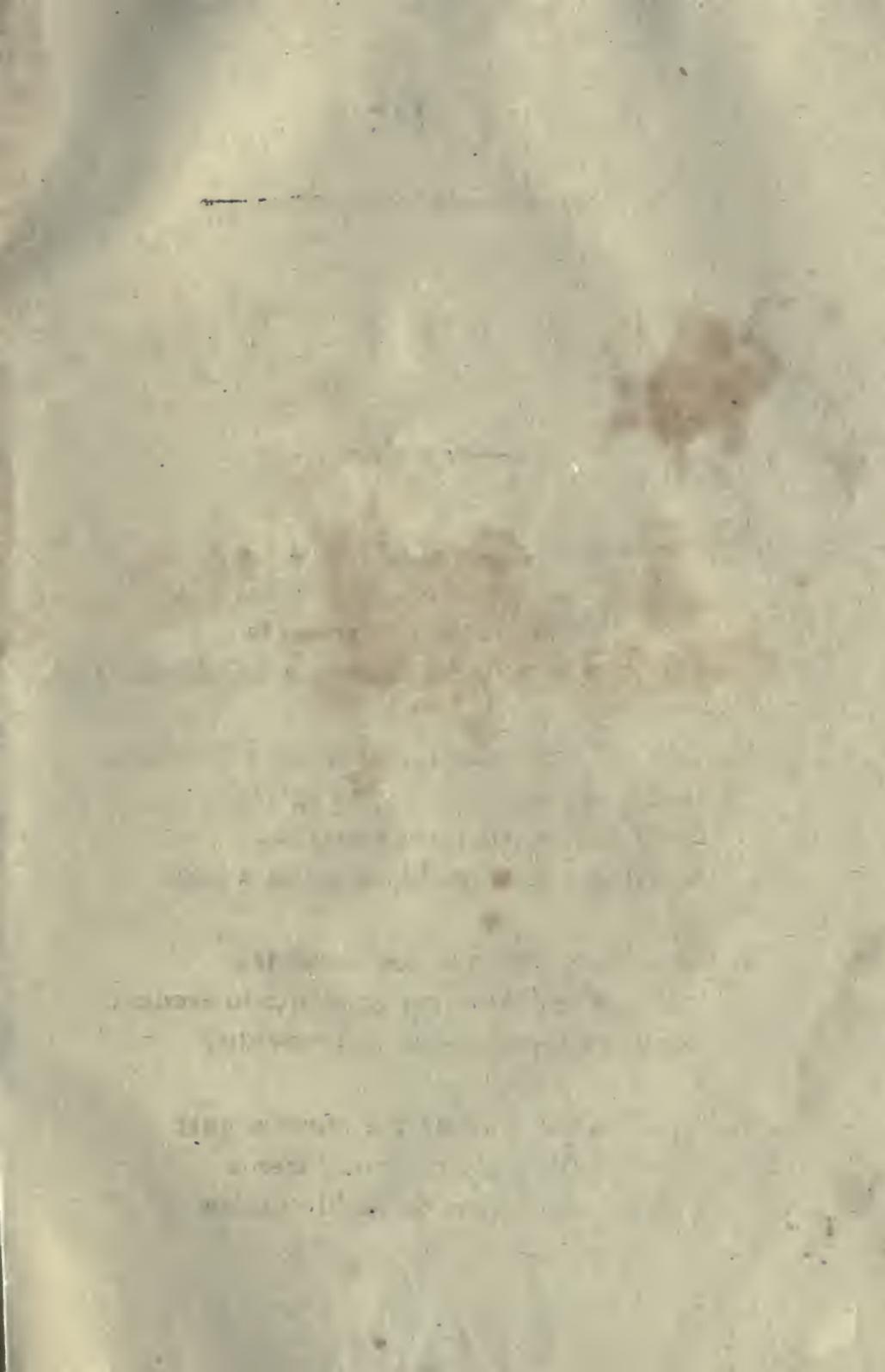
SONETO.

Se em nossos tristes Dias temos visto
Toda a ordem das coisas alterada,
Ficando esta Nação contaminada
Por homens contra o Throno, e Lei de Christo:

He que nos quer mostrar hum Deos Previsto,
Que a confusão que vemos agitada,
Hade deixar por terra castigada
A intriga, que tem dado causa a isto:

Então o Novo Rei que nos sustenta,
Qual luz brilhante em condemnado escuro,
Nos hade illuminar nesta trowenta;

E Vós, Grande RAINHA, a quem seguro
Character Magestoso exalta, alenta,
Tereis huns Annos de inclito futuro.



SONNET

